

IMIGRANTES SENEGALESES: A PRESENÇA MUÇULMANA NA SERRA GAÚCHA

SENEGALESE IMMIGRANTS: THE MUSLIM PRESENCE IN THE SERRA GAUCHA

Cristine Fortes Lia¹
Jéssica Pereira da Costa²

RESUMO

Desde meados da segunda década do século XX, a Serra Gaúcha recebe imigrantes/migrantes muçulmanos. A partir do século XXI, no entanto, a imigração senegalesa, em especial para Caxias do Sul, vem tornando pública as manifestações religiosas do Islã. Essas, anteriormente restritas ao espaço privado, vêm despertando a atenção da sociedade local, majoritariamente católica. Este estudo analisa a relação deste Islã, migrante da África Central, com a comunidade “tradicional da região”, identificando a recepção e a compreensão do mesmo. Utiliza-se como fontes a imprensa regional e a história oral, de forma a perceber o acolhimento do grupo muçulmano. O Islã é uma religião que ocupa significativo espaço na mídia contemporânea e sua inserção na sociedade brasileira merece atenção dos historiadores da religião. E, ainda, seus praticantes, em seus processos de migração, reelaboram identidades religiosas locais.

Palavras chave: Imigração. Religião. Senegaleses. Islã. História.

ABSTRACT

Since the mid-second decade of the twentieth century, the Serra Gaucha has received Muslim immigrants and migrants. However, since the twenty-first century, the Senegalese immigration, especially to Caxias do Sul, has made the Islamic religious manifestations public. These, previously restricted to the private space, have been receiving attention of the local society, mainly Catholic. This study analyzes the relationship of this Islam, migrant from Central Africa, with the “traditional” community of the region, identifying its reception and understanding. Regional press and oral history are used as sources, in order to perceive the reception of the Muslim group. Islam is a religion that occupies significant space in the contemporary media and its insertion in the Brazilian society deserves attention of the religion’s historians. And, furthermore, its practitioners, in their migration processes, re-elaborate local religious identities.

Keywords: Immigration. Religion. Senegalese. Isla. History

1 Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora do Programa de Pós-Graduação em História e do Curso de História da Universidade de Caxias do Sul. Pesquisadora do Instituto Religare (UCS).

2 Mestre em História pela Universidade de Caxias do Sul. Professora da Educação Básica do Estado do Rio Grande do Sul. Pesquisadora do Instituto Religare (UCS).

INTRODUÇÃO

Os processos migratórios caracterizam as sociedades nacionais há séculos. O Brasil tem sua história marcada por ondas de imigração, que conferiram identidades específicas para as diferentes regiões de seu território. No século XIX, a cultura brasileira foi bastante transformada pela chegada de grupos de europeus destinados, em princípio, ao trabalho agrícola.

No entanto, os imigrantes, diferentemente do que a apologia comemorativa identifica, nem sempre são bem recebidos. Seus hábitos, crenças e atitudes se chocam com a cultura local. Como mencionam Alencastro e Renaux (1997), os imigrantes, no século XIX, geraram muita estranheza na elite local; seus hábitos alimentares, por exemplo, foram considerados extravagantes e excessivos, além disso, suas necessidades de socialização eram vistas como demasiadas e, às vezes, místicas. Brancos, europeus e católicos, no entanto, sempre têm sua permanência mais garantida.

Se as necessidades agrícolas do país motivaram a chegada de levas de europeus “bem vindos”, no século XIX, esta receptividade aos imigrantes mudou no século XX. A imigração judaica, árabe e japonesa, por exemplo, identifica esta resistência em acolher novos “estrangeiros”. Estes, raramente correspondiam à ideia de imigrante ideal, seja pela etnicidade, cultura religiosa ou forma de trabalho.

No século XXI, novas levas de imigrantes chegam ao Brasil. Com as mesmas expectativas dos períodos anteriores, os novos migrantes buscam melhores condições de vida. Agora, a idealização de europeus católicos se tornou ainda mais distante, já que a maioria dos recém-chegados são africanos, muçulmanos ou latino-americanos empobrecidos. Não destinados a uma atividade econômica específica, a maioria acaba sendo conduzida ao subemprego, ao trabalho informal e à exploração.

Em Caxias do Sul, cidade da Serra Gaúcha, se observa a imigração senegalesa, especialmente nas últimas décadas. A região é de colonização italiana e se identifica como majoritariamente católica, buscando se constituir como um recanto europeu no país. Já os senegaleses são africanos e muçulmanos, contrariando as expectativas de europeização do espaço urbano do município.

A presença do Islã é algo absolutamente exótico para a população local³, que desconhece, na sua grande maioria, as práticas da religião mu-

3 A chegada de imigrantes africanos muçulmanos sempre promove estranheza por parte das populações locais. O que se evidencia historicamente por meio da experiência do Levante dos Malés, na Bahia, em 1835, quando escravos que professavam o Islã despertaram a atenção

culmana. Nesse sentido, é relevante destacar que a religiosidade sempre se constituiu em um privilegiado elemento de negociação de identidade para os imigrantes. A permanência dos considerados religiosamente “adequados” sempre é garantida. Por outro lado, quanto mais distinta a vida religiosa do grupo, maiores as dificuldades de incorporação à comunidade local.

Assim, analisar o acolhimento religioso recebido pelos imigrantes, bem como as diferentes formas de negociação de sua presença religiosa, no espaço público da localidade que os recebe, constitui uma abordagem para a compreensão dos fenômenos migratórios. O Islã, religião que mais migra na contemporaneidade, precisa de mais espaço nos estudos acadêmicos sobre a temática da imigração.

Este estudo analisa a presença muçulmana, na cidade de Caxias do Sul, por meio da imigração senegalesa. Identificam-se, por meio da história oral, as formas de praticar o Islã na localidade e o sentimento de pertença ou distanciamento desenvolvido pelos senegaleses:

Destaca-se que os depoimentos orais permitem ao historiador ampliar ainda mais essa sensibilidade para a compreensão do passado, através deles é possível identificar o que a memória selecionou: as falhas, os esquecimentos, as omissões, o que vem sendo lembrando pouco a pouco ao longo do depoimento, permitindo identificar as marcas que o passado realizou sobre a história do depoente. (LIA, 2017, p. 267)

Da mesma forma, por meio da imprensa escrita, se analisa a receptividade da sociedade caxiense para com as práticas do Islã. Desta forma, utiliza-se a História Oral Híbrida, já que a fala dos depoentes dialoga com outras fontes, neste caso, a imprensa. A fonte jornalística merece bastante cuidado dos historiadores, já que se caracteriza como de natureza bastante subjetiva e ligada à defesa de um conjunto de ideias, correspondendo a um recurso de caráter não acadêmico:

Elmir (1995) chama a atenção sobre a importância e os cuidados necessários para a utilização da imprensa como fonte histórica. É preciso considerar a frequência com que o tema foi abordado, a subjetividade dos elaboradores dos textos, a recepção dos mesmos na sociedade da época, o método de leitura adotado pelo historiador e a necessidade de confron-

e se organizaram em resistência. Sobre o assunto vide a obra de Reis (2003).

tação com outras fontes documentais e bibliográficas. (LIA, 2017, p. 267- 268)

Assim, por meio da imprensa e da História Oral, as formas sensíveis de praticar o Islã pelos imigrantes senegaleses e suas formas de apreensão pela sociedade local são analisadas a seguir. Acredita-se que essas fontes são capazes de “dar voz” aos sujeitos históricos, permitindo uma análise historiográfica da imigração por meio da trajetória dos imigrantes; constituindo, assim, um procedimento metodológico que atribui protagonismo aos senegaleses na sua história imigratória.

1 O Islã como religião do Senegal

A falta de homogeneidade nas práticas e na constituição de comunidades muçulmanas é uma das características do Islã, devido à forma como a religião foi disseminada, após a morte do Profeta Muhammad⁴, seu fundador (DEMANT, 2014). Isto quer dizer que a religião não é homogênea, pois ela passou por várias divisões e diversas correntes foram criadas ao longo da história, gerando diferentes formas de professar o Islã.

A origem da religião ocorreu na Península Arábica, no século VII, sendo a mais nova das três religiões monoteístas e é aquela que, hoje, mais cresce em número de fiéis no mundo. É, também, aquela sob a qual ronda a maior aura de estranhamento e exotismo (COSTA, 2016). De acordo com Hourani (1994), essa religião inaugurou uma nova ordem na Península Arábica, vinda da revelação dada por Deus a um árabe. Em um mundo onde o discurso de judeus e cristãos possuía um grande apelo, a revelação de Deus ao “último profeta” gerou mudanças importantes e substanciais.

Antes da morte do profeta Muhammad, a ideia era que os muçulmanos formassem uma *ummah*, uma comunidade única em torno do Islã, o que sugere a ideia de submissão ao Deus único⁵. Contudo, devido a sua expansão geográfica e as diferentes lideranças, interpretações e discussões

4 Existem várias grafias para o nome do profeta: Muhhamed, Muhamed, Mohhamed, Mohamed, Mohhamad, Mohamad, entre outras. Para este artigo, usar-se-á Muhammad, por ser essa grafia apresentada na tradução do Corão feita pelo Dr. Helmi Nasr, professor de estudos árabes e islâmicos da Universidade de São Paulo, em parceria com Kuwait awqaf public foundation e a Society of the Revival of Islamic Heritage. Contudo, nas citações diretas, será preservada a grafia encontrada na fonte original. É comum que, em português, o nome do profeta seja traduzido para Maomé, mas determinadas correntes da religião condenam este tipo de tradução.

5 Alá (ou Allah) para os muçulmanos é pensado como Deus uno, não apenas único. Segundo Demant (2011), “*Allah*: Deus ou ‘o Deus’ (contração de al-lahu), usado em árabe tanto por muçulmanos quanto cristãos” (p. 389).

que surgiram após a morte do profeta, o Islã não pode ser considerado uma religião uniforme, pois possui uma variedade de correntes e interpretações dentro de sua organização religiosa (DEMANT, 2004). Essas correntes se diferenciam pela forma como interpretam o Corão, as Hadith (coleção de tradições), a Suna e a *Shari'a* (Lei Sagrada).

No Brasil, o Islã tem sido construído com particularidades religiosas interessantes, devido às características migracionais e a forma de universalização da religião utilizada pelos diferentes grupos instaurados no Brasil. Entre os grupos muçulmanos que migraram para o país nas últimas décadas, recentemente, tem-se destacado a migração senegalesa. Esses novos imigrantes trazem consigo um Islã que foge do estereótipo do árabe encontrado nas migrações anteriores, dos anos 70, 80 e 90⁶, que trouxeram uma quantidade considerável de muçulmanos sírios e libaneses para o país. Além de romper com os estereótipos físicos, os senegaleses muçulmanos também não se encaixam ritualisticamente com as comunidades árabes tradicionais, visto que o Islã, na África, adquiriu características particulares.

O norte do continente africano foi alvo da expansão do Islã ocorrida no século VII, o cristianismo havia perdido força na região, após o colapso do Império Romano do Ocidente (MACEDO, 2013), e a religião muçulmana, com características de universalização, foi levada aos povos e reinos do Norte e da região do Magreb através das rotas comerciais que funcionavam pelo deserto do Saara.

O atual Senegal fazia parte da rota comercial que partia do Marrocos, passava por Senegal e Mali e parava no Sudão Oriental às margens do Nilo. Assim, ao longo do Sahel, região que fica entre o deserto do Saara e as florestas tropicais mais ao sul do continente, o Islã prosperou, não pelo uso da espada, mas pela influência do comércio.

Em duas ondas de islamização, uma no século VII e outra no século XVII, a região passou por um processo semelhante ao que ocorreu na Índia (DEMANT, 2004). A religião se “difundiu muito mais pelo comércio, pela migração e pela influência pessoal de professores e místicos do que propriamente pela conquista militar” (DEMANT, 2004, p. 74). A região do atual Senegal pertenceu a três reinos africanos importantes: Gana, Mali e Songhai. Após o fim deste último Império, o Islã adquiriu nova importân-

6 Nas décadas referenciadas, a cidade de Caxias do Sul acolheu um pequeno grupo de imigrantes muçulmanos vindo do Oriente Médio, majoritariamente da Palestina. Esses indivíduos manifestaram (e ainda manifestam) sua religião de uma forma mais “privada”, ganhando menos visibilidade em espaços públicos. Assim, as práticas de orações, as festas e os trajes religiosos não se destacaram no espaço público, como no caso dos senegaleses.

cia na região, pois garantia uma rede comercial com sustentação, já que a organização do Império não existia mais.

Contudo, de acordo com Demant (2004), esse Islã não é o mesmo que se praticava no Oriente Médio, pois ele era fruto da relação entre comércio e religião e passava por populações diferentes, com práticas religiosas distintas entre si. Assim, o Islã que chegou à região passou a coexistir com práticas politeístas, animistas e místicas ligadas à tradição de religiões tribais que, muitas vezes, adaptavam práticas e rituais pagãos para o Islã.

Meredith (2017) afirma que o Islã foi incorporado por movimentos militantes que tinham o objetivo de recobrar a ordem à região dos impérios no Sudão ocidental por meio da lei e da ordem muçulmana. Destaca que, até o século XVII, as práticas muçulmanas haviam sido incorporadas pela elite política e por ricos comerciantes, sendo que a maior parte da população, especialmente das zonas rurais, continuava com suas práticas religiosas ancestrais. A pesquisadora destaca, inclusive, que as próprias elites praticavam um Islã adaptado e reinterpretado a partir da religiosidade pagã e de práticas animistas e de adoração.

Como relata Demant (2004), no final do século XVIII e início do XIX, isso provocou uma reação das autoridades muçulmanas que pregavam um Islã mais ortodoxo, procurando diminuir ou acabar com certas práticas e superstições que não reconheciam como parte do “verdadeiro” Islã, o que gera críticas entre os grupos até os dias atuais. Essas particularidades ligadas à expansão da religião muçulmana, em especial no continente africano, desembocam nas diferenças encontradas no Islã africano, não só ritualísticas, mas também de compreensões teológicas.

No caso específico do Senegal, as confrarias muçulmanas que chegaram à região pelas rotas comerciais constituíram um perfil específico de devoção. Estas “fazem parte do universo de manifestações místicas coletivas do islão e são, de forma estruturada, a mais antiga e importante expressão de espiritualidade muçulmana, o sufismo” (DIAS, 2007, p. 1).

As formas de integração do Islã à sociedade senegalesa passaram, segundo Dias (2007), pela apreensão do sufismo⁷ como uma forma contemplativa do Islã, marcada pela centralidade da exegese do Corão⁸ e a glosa da

7 O Sufismo também é conhecido como Sufi. Segundo Demant (2011), “*Sufi*: seguidor do sufismo (tasawwuf), tendência mística no sunismo que enfatiza a imanência de Deus ao invés de sua transcendência; possivelmente derivado de *suf*, lâ, nome dado a partir das vestimentas destes místicos” (p. 396).

8 A exegese do Corão consiste no estudo e na prática interpretativa detalhada do livro sagrado do Islã. Utiliza-se para nomear o livro sagrado tanto a expressão Corão como Alcorão. Segundo Challita (s/d), nas notas explicativas para a compreensão do livro, “muitas pessoas

Sunna⁹. E, principalmente, identificado com os dons sobrenaturais atribuídos aos fundadores das confrarias e seus sucessores, revelando um caráter sincrético. Essa forma de praticar o Islã recebe críticas de outros grupos muçulmanos, em especial os do Oriente Médio. A relação com o sufismo, as devoções aos fundadores de confrarias e a flexibilização de normas da religião muçulmana, em função do sincretismo, despertam indignação de diversas correntes islâmicas.

No Brasil, onde o número de muçulmanos ainda é pequeno (se comparado a outros grupos religiosos), a compreensão sobre as divergências entre as correntes religiosas fica quase restrita aos fieis e à academia. Nos anos 70 e 80 ocorreu uma onda migratória que trouxe muçulmanos para o território nacional. Diferente das primeiras¹⁰, esta trazia imigrantes árabes, maioria libaneses, sírios e palestinos, que fugiam de conflitos no Oriente Médio. Eles formaram comunidades, em especial no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Paraná e em Minas Gerais¹¹. Diferente dos primeiros grupos, estes traziam consigo um “Islã árabe”, muito diferente do “Islã africano”¹². Devido à forma como essa migração ocorreu e às construções das diversas mídias (jornais, revistas, programas televisivos), esses povos árabes, em parte muçulmanos, passaram a representar um estereótipo das práticas ligadas à religião muçulmana.

sustentam que o livro sagrado dos muçulmanos deve chamar-se em português o Corão e não *Alcorão*, o al representando já o artigo o. Etimologicamente, elas estão certas. Acontece, contudo, que ao passarem para o português, a maioria das palavras árabes passaram com o artigo al já incorporado a elas e inseparável delas. Dizemos o açúcar (e não o çúcar), o arroz (e não o roz), [...] A palavra Alcorão obedece, portanto, à tendência geral da língua portuguesa no que diz respeito às palavras de origem árabe e já foi consagrada sob essa forma.” (p. 15).

9 A glosa da Sunna significa uma análise interpretativa das Sunnas. Segundo Demant (2011), “*Sunna*: ‘caminho trilhado’; costumes, maneira de fazer sancionada pela tradição e o precedente do profeta (*sunnat al-nabi*); *ahl al sunna*: o povo da sunna, muçulmanos ortodoxos, sunitas” (p. 396). As Sunnas não devem ser confundidas com as Suras, que consistem em capítulos do Corão.

10 Vide a obra de Felipe Freitas de Souza, “Apontamentos sobre o Islã no Brasil: Islamofobia e notas sobre o xiismo brasileiro”, de 2016.

11 Dados retirados do Censo Religioso de 2010, realizado pelo IBGE.

12 As formas de manifestação do Islã apresentam algumas especificidades, conferindo características às práticas do Oriente Médio, do Norte e do Centro da África. Os Sufis, da África Central, por suas formas de vestir, rezar e manifestar fé a Allah, dentro de uma cosmovisão agregada às religiões tradicionais da África, são considerados, algumas vezes, muçulmanos menos legítimos. Já que a mídia corrobora para a construção de uma imagem única e legítima dos muçulmanos, ligada ao Oriente Médio. Destaca-se que entre os que professam o Islã também existem distinções e qualificações para os diversos grupos.

2 Islã em movimento na cidade católica: senegaleses em Caxias do Sul

Caxias do Sul, na região serrana do Rio Grande do Sul, foi historicamente formada por uma maioria cristã, sendo que mais de 90% dos entrevistados no Censo Religioso de 2010¹³ declararam-se fiéis a esta religião. No mesmo censo, uma minoria, de menos de 1%, declarou-se muçulmana¹⁴. Na época, a cidade possuía uma tímida comunidade muçulmana de origem palestina, que se fixou na cidade nos anos 80, concentrando sua área de residência e influência ao centro da cidade, com alguns empreendimentos comerciais. Esta permaneceu relativamente isolada desde então, todavia, o ano de 2010 trouxe novos muçulmanos para a cidade que, diferente dos primeiros, passaram a chamar a atenção da população e da mídia: os senegaleses (COSTA; LIA, 2016).

A cidade foi instituída a partir de fluxos migratórios e tem sua identidade calcada nessa percepção, especialmente no que se refere à imigração italiana dos séculos XIX e XX. Contudo, este não foi o único fluxo migratório que formou a cidade, sendo, também, foco de deslocamento de outras etnias, como austríacos, poloneses e, mais tarde, por grupos migrantes de cidades da região norte e nordeste do estado, bem como de outros estados do Brasil. Deve-se este fenômeno ao modelo de desenvolvimento industrial, a necessidade e a oportunidade de mão de obra encontrada neste setor do município (HEREDIA; PANDOLFI, 2016).

No ano de 2010, uma nova fase para os fluxos migratórios teve início, com a chegada dos primeiros haitianos e senegaleses, que são reflexo da força que as migrações internacionais têm adquirido na conjuntura globalizante da economia mundial. No caso dos senegaleses, a vinda para o Sul do Brasil está associada às suas necessidades laborais, já que são, em sua maioria, homens jovens, solteiros, com família no Senegal¹⁵. Além disso, a parte meridional do país possui cidades de porte médio, que são consideradas áreas privilegiadas para o processo imigratório:

13 O Censo Religioso de 2010 mostrou o crescimento da diversidade religiosa no país. Este censo foi também o primeiro no qual a população pode assinalar mais de um campo para a pergunta referente à Religião praticada, o que tornam os dados muito interessantes sob o ponto de vista da variedade de práticas e doutrinas de religiões que os brasileiros costumam acumular. Para mais informações consultar TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

14 Para mais dados do censo: CENSO RELIGIOSO IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=ap&tema=censodemog2010_relig>. Acesso em: jun. 2015

15 Dados disponibilizados pelo Centro de Atendimento ao Migrante (CAM) de Caxias do Sul, analisando o perfil dos imigrantes cadastrados no período de 2010 a 2014.

A escolha da cidade de Caxias do Sul para os fluxos migratórios tem várias razões. Além de ser uma cidade, considerada desde a década de 70, como um dos principais polos industriais do Estado do Rio Grande do Sul, possui serviços que permitem vê-la também como um polo do setor terciário da região. A cidade sempre foi divulgada positivamente pela mídia impressa, e a forte publicidade é um fator de atração para aqueles que precisam escolher um novo destino. É importante destacar também que, nas últimas décadas, alguns fluxos migratórios têm preferido cidades médias em relação às regiões metropolitanas. (HEREDIA; PANDOLFI, 2015. p. 97)

Na cidade de Caxias do Sul, a presença de muçulmanos não é uma singularidade, visto que a primeira comunidade muçulmana, de origem palestina, fixou-se na cidade há mais de 25 anos. Contudo, ao longo dos anos, esta comunidade recebeu pouca ou nenhuma atenção da sociedade caxiense, não chegando a constituir uma referência na construção de representações sobre o Islã no município. Todavia, a chegada dos senegaleses trouxe os “holofotes” da mídia sob este grupo singular de imigrantes que causaram essa impressão, pois “estes imigrantes destoam do projeto colonizador da região que, no século XIX, promoveu a matriz europeia, branca e católica. São africanos e muçulmanos portadores de uma herança cultural que descaracteriza a italianidade católica” (COSTA; LIA, 2016, p. 243).

Os senegaleses chamaram a atenção da população e da mídia caxiense, seja pelo seu país de origem, sua língua, seus traços físicos ou sua religião. Rapidamente, passaram a ser tema de debates nas ruas, nos órgãos públicos e no principal jornal da cidade, o periódico “Pioneiro”¹⁶. Junto com outros veículos do grupo RBS, que reproduzem notícias da região para todo o estado, este periódico se torna uma fonte importante para a análise da sociedade caxiense e dos papéis sociais, pois, enquanto fonte, “deve ser entendida como linguagem e prática construtiva do social, que com sua própria historicidade e peculiaridades próprias, modelam as formas de pensar e agir, definem papéis sociais, generalizam posições e interpretações” (LEITE; ARIAS NETO, 2015, p. 6), que têm a pretensão de serem universais.

Entre as notícias publicadas no jornal diário sobre os senegaleses, destacam-se aquelas que possuem informações sobre suas práticas religiosas ligadas ao Islã. Por exemplo, em matéria publicada em novembro de

16 O jornal “Pioneiro” circula na cidade de Caxias do Sul desde 1948 e, segundo o site oficial do periódico, é o que possui maior número de assinantes na região.

2016, o jornal noticia a celebração de uma festa religiosa, a festa da Touba, celebração tradicional do Islã Senegalês em homenagem ao líder religioso Cheikh Ahmadou Bamba Mbacké. O equívoco ocorre, pois ao longo da notícia não fica claro que esta é uma manifestação particular dos muçulmanos senegaleses e não dos muçulmanos em geral:

O evento é marcado por muita fartura. Em Caxias, os senegaleses serviram almoço gratuito e aberto à comunidade. No horário da refeição, eles cessam os cantos religiosos e orações para realizar uma espécie de conferência na língua materna, o wolof. O cardápio, com pratos com carne, legumes e ovos, é preparado por eles mesmos, que arrecadaram dinheiro entre si. Quem chegava ao salão por volta das 14h, quando era servida a comida, era convidado a sentar e almoçar — além de homenagear o líder, a ideia foi mostrar um pouco da cultura senegalesa e a receptividade. — A religião muçulmana é isso, aceitação de outras pessoas, amor, convivência, oração — diz Demba Sokhna, 28 anos, presidente do movimento negro imigrante no Brasil e que vive em Caxias há três anos e meio. Esta é a quinta edição da festa em Caxias, cidade que há anos tem sido um dos destinos preferidos pelos imigrantes africanos em busca de trabalho. O evento é organizado pela associação religiosa dos senegaleses em Caxias do Sul, conhecida entre eles como Dahira Nourou Narayni. (AGÊNCIA RBS, JORNAL PIONEIRO. nov. 2016)

Foto: Festa senegalesa



Fonte: Marcelo Casagrande – Agência RBS – Jornal Pioneiro

Em outra matéria, de agosto de 2014, presente no site da Gaúcha ZH, mas *linkada* no site do jornal Pioneiro, por referir-se à imigração senegalesa em Caxias do Sul, existe uma descrição das práticas religiosas muçulmanas dos senegaleses que afirmam que os mesmos “rezam a Maomé em fábrica de móveis” da cidade. Um erro teológico grave, visto que os muçulmanos, independente da corrente ou tradição religiosa a que estejam vinculados, não adoram o profeta como um Deus, e as orações diárias são feitas a Alá:

SENEGALESEREZAMA MAOMÉ EM FÁBRICA DE MÓVEIS

O ritual se repete cinco vezes ao dia na fábrica de móveis Sacca-ro, em **Caxias**. Um por vez, os senegaleses se dirigem ao banheiro e começam a lavar mãos e pés, nas pias. É a purificação antes do encontro com os ensinamentos do Profeta, como chamam Maomé. Então, em fila, se ajoelham sobre um tapete verde (que eles chamam de “a July”) ornamentado com a figura de uma mesquita e começam a rezar. Baixinho, em wolof, principal idioma dos países da África Ocidental. -Alahu Akbar (Alá seja Louvado) - recitam, misturando o árabe ao dialeto senegalês. (ROLLSING; TREZZI, GAUCHA ZH – grupo RBS, ago. 2014)

Foto: senegalês em oração



Fonte: Diego Vara – Agência RBS – Gaúcha ZH

Contudo, um fato curioso é que na maior parte das matérias existentes sobre os senegaleses em Caxias do Sul não é estabelecida a relação com a religião muçulmana, essa só aparece quando o intuito da matéria é, em si, retratar essa particularidade. Quando o texto jornalístico aborda questões gerais ligadas ao mercado de trabalho, à imigração, ao convívio

com a comunidade ou demais assuntos, a religião dos imigrantes africanos não é motivo de destaque, ficando em segundo plano.

A mídia local também tende a maximizar as relações entre os senegaleses e as práticas do catolicismo. Destacando a presença dos mesmos em celebrações católicas, como as procissões de Caravaggio. Segundo Rangel (2015), o maior enfoque da mídia nacional sobre a imigração senegalesa não se dá pela sua socialização no Brasil, mas pelos problemas na sua chegada ao território brasileiro. A mídia normalmente destaca as dificuldades enfrentadas na viagem emigratória, descrita como regular ou irregular, e o potencial de imigração ilegal que os chegados do Senegal representam. A imprensa potencializa a capacidade destes imigrantes se destinarem às atividades ilícitas e a probabilidade de serem transmissores de epidemias, como o ebola, no Brasil:

Quanto ao G1, as palavras mais recorrentes são “senegaleses”, seguidas de “imigrantes”, “ebola”, “atendimento”, “abrigo” e “refúgio”. A persistência de aspectos negativos da migração é clara e podemos presumir que o leitor deste jornal terá um quadro dessa migração associado a problemas como ebola ou imigração irregular. As palavras mais utilizadas nos comentários, como consequência, foram “imigrantes”, “doenças”, “ebola” e “pobreza”. (RANGEL, 2015, p. 84)

Para o jornal Pioneiro, as notícias sobre a presença desta comunidade em Caxias do Sul são mais recorrentes do que sobre o processo migratório. A tendência em ressaltar o exotismo do grupo e de informar equivocadamente sobre o Islã tem presença em muitas matérias do periódico. No que se refere à integração com a sociedade local, se observa a aproximação do catolicismo como uma estratégia confiável. Desta forma, aqueles que reconhecem a importância dos valores cristãos merecem destaque dentro do grupo migrante. A identidade religiosa, neste contexto, precisa ser negociada. Os imigrantes, segundo Lesser (2001), devem permanentemente negociar seus universos simbólicos, promovendo uma troca cultural. Desta forma, por meio da construção de um sentimento de pertença, o grupo reelabora a sua identidade e a cultura local, promovendo uma nova identidade para ambos.

Assim, os imigrantes precisam construir o país imaginado para o qual emigraram, garantindo sua permanência e sua visibilidade cultural e religiosa. No caso particular da cidade de Caxias do Sul, essa permanência e visibilidade são buscadas através da relação com o catolicismo. Observa-se isso de duas formas: a primeira age de fora para dentro, na qual o Centro de

Atendimento ao Migrante (CAM) é mantido por uma congregação católica, a Congregação das Irmãs de São Carlos Scalabrinianas que, além de ser referência no amparo aos migrantes, não só senegaleses, ainda intercede junto à Igreja Católica para conseguir espaços nos salões comunitários, a fim de que os senegaleses celebrem suas festas e ritos religiosos. A outra age de dentro para fora, materializando-se em tentativas dos senegaleses se incluírem nas práticas religiosas comuns à cidade e à região, como é o caso da festa em homenagem a Nossa Senhora de Caravaggio, anteriormente mencionada.

Essa relação fica clara em matéria publicada no jornal Pioneiro, em 2015:

Perto das 4h desta terça-feira, feriado de Nossa Senhora de Caravaggio em Caxias do Sul, **cinco senegaleses desembarcaram** de um ônibus de Florianópolis na rodoviária. [...] eles participariam da Romaria de Nossa Senhora de Caravaggio, percorrendo mais de 20 quilômetros até Farroupilha. Alguns vestiam tênis, outros sapatos sociais, outros chinelos de dedo. Todos andavam pelo acostamento, misturados às centenas de romeiros que tradicionalmente percorrem a caminhada em 26 de maio, dia votivo. — Eles gostaram da ideia e aceitaram participar da caminhada, porque também somos religiosos. E eu expliquei que Nossa Senhora é importante para o povo daqui — explicou Billy. (...) Os cinco recém-chegados integraram o grupo de 25 senegaleses que deixou a Praça Dante pouco antes das 9h. Encontraram outros compatriotas próximo das 10h em frente ao MartCenter, na RSC-453, onde a irmã Maria do Carmo Gonçalves, coordenadora do Centro de Atendimento ao Migrante (CAM), os esperava com lanche e rosas brancas, que serão entregues à padroeira, no Santuário. — Nós, muçulmanos, também queremos pedir a paz, como os católicos daqui — justificou Billy. (FRONZA, Jornal Pioneiro – GRUPO RBS, maio, 2015)

Destaca-se que, segundo a entrevista de um dos senegaleses concedida ao jornal, a festa e/ou aquela imagem religiosa “era importante para o povo daqui”, identificando, assim, a necessidade que este grupo tão diferente do projeto colonizador defendido pela cidade e até mesmo, pela região, sente em sentir-se parte mesmo que isso signifique ressignificar suas próprias práticas religiosas. Sendo assim:

Outro fato interessante a ser destacado na fala do muçul-

mano entrevistado é a afirmação do desejo de paz, estabelecendo que assim como os “católicos daqui”, os muçulmanos também pediam paz. Essa preocupação com respeitar e participar de momentos religiosos que não fazem parte de sua tradição e que, inclusive, possuem práticas condenadas e proibidas por ela, destoa da ideia de inflexibilidade e não aceitação que impera sob o Islã e os muçulmanos. Essa relação veiculada pelo jornal colabora para ressignificar tanto a identidade destes novos imigrantes, quanto à ideia que se fazia a respeito do Islã. (COSTA; LIA, 2016, p. 248-249)

3 O direito à cidade e à memória: do Senegal para Caxias

O Islã é uma religião que precisa do espaço público para existir. As manifestações religiosas muçulmanas estão ligadas às práticas do cotidiano e remetem a uma visualização da comunidade religiosa. Orações, vestimentas, hábitos alimentares e as formas de ser e de agir não se limitam a um espaço “sacramentado” como religioso. A existência do muçulmano demanda a manifestação pública de sua religiosidade. A identidade muçulmana dos senegaleses imigrantes, então, precisa da ocupação dos espaços públicos da cidade de Caxias do Sul.

A mudança da paisagem urbana local, em especial da religiosa, passa a ser uma exigência dos novos habitantes. O direito a ocupação destes espaços precisa ser negociado. Por exemplo, como é percebida, pela tradicional população caxiense, a prática das orações muçulmanas na praça central Dante Alighieri, em frente à Catedral Santa Teresa D’Avila? A visibilidade religiosa do grupo também se associa as suas práticas de trabalho, situação comum no Islã. Assim, vendedores ambulantes, que expõem seus produtos em toalhas na calçada, interrompem suas atividades para as orações. Em períodos de festas religiosas, trajes tradicionais das mesmas são utilizados pelos senegaleses, contrastando com as vestimentas ocidentais da comunidade caxiense.

Para que seja possível a compreensão das formas de “ser muçulmano” em Caxias do Sul é necessário conhecer as narrativas que os imigrantes senegaleses apresentam de sua experiência. Sem dar “voz” a estes atores sociais, o estudo fica limitado às percepções da sociedade local e às narrativas de documentos oficiais sobre a imigração senegalesa. Nesta documentação oficial se percebe a ausência da trajetória dos imigrantes pela narrativa do próprio imigrante. A questão religiosa ainda é visualizada parcialmente e está muito atrelada à compreensão via cristianismo. A recente historiografia sobre o assunto também vem sendo construída apegada aos documentos oficiais produzidos pelo Estado e pelas Centrais

de Atendimento ao Imigrante (HERÉDIA, 2015)¹⁷

Assim, a busca por um campo mais amplo dentro da historiografia vem caracterizando os estudos sobre imigração. Segundo Weber (2001), as reflexões da história cultural, a influência de teorizações das ciências humanas, as ideias de etnicidade e a descrença em identidades totalmente construídas antes do fenômeno migratório vêm potencializando as investigações sobre a temática. Outra questão ressaltada pela autora é a necessidade de estudos fora do grupo de origem e a necessidade do enfoque interétnico, ou seja, o grupo não pode ser analisado sem a sua relação com o que o acolhe:

Em termos de novos enfoques, há que ressaltar o estudo dos contextos interétnicos [...] Ainda que os estudiosos continuem se especializando numa ou outra corrente imigratória, passam a olhar também o contexto no qual os imigrantes se inserem, o que os antropólogos denominam “sociedade envolvente”. Ao realizarem uma interpretação sobre este ou aquele grupo, antes de afirmarem especificidades do grupo imigrante que é seu objeto de estudo, o historiador precisa observar o que acontece com outros grupos. (WEBER, 2001, p. 278)

No caso deste estudo, a proposta da autora evidencia a impossibilidade de compreender a imigração senegalesa sem o entendimento do *ethos* cultural de Caxias do Sul. Além disso, é necessário aplicar novos procedimentos metodológicos para o estudo de populações migrantes no século XXI, cujos processos imigratórios ainda estão em andamento.

A História Oral se constitui como uma metodologia privilegiada para estas pesquisas, pois permite a apreensão da trajetória dos indivíduos, garantindo o direito à memória destes. Os depoimentos orais permitiram a ampliação do potencial dos trabalhos sobre o tema e “lançou indagações sobre explicações consolidadas acerca das grandes levadas migratórias do século XIX” (WEBER, 2001, p. 279). A sensibilidade da experiência imigratória pode ser revelada por meio das entrevistas orais.

Para este estudo foram escolhidas seis entrevistas com senegaleses¹⁸, na cidade de Caxias do Sul, nos primeiros meses do ano de

17 Vide a obra de Vania Herédia, “Imigrações internacionais”, organizada em 2015.

18 Estas entrevistas fazem parte de um acervo maior, compondo um projeto de pesquisa realizado na Universidade de Caxias do Sul, junto ao Programa de Pós-Graduação em História e o Instituto Religare. O referido projeto analisa as diferentes manifestações religiosas na localidade. As entrevistas foram realizadas com a colaboração da bolsista de iniciação

2018. Estas foram realizadas com perguntas pré-estabelecidas, pelo fato da falta de domínio da língua portuguesa de alguns depoentes. As questões focam na experiência religiosa da imigração, considerando suas possibilidades de se integrar na localidade, sem perder os vínculos religiosos. “Como visa promover a discussão sobre um assunto específico, foi usada a história oral temática, com a orientação do entrevistado sobre o assunto abordado. Foram tomados os cuidados para não negligenciar a percepção do depoente, nem induzi-lo a fazer afirmações”. (LIA, 2017, p. 266)

Para a autorização da disponibilização do conteúdo das entrevistas foi necessária à intermediação de um membro da comunidade senegalesa, já que alguns depoentes ainda não dominam a língua portuguesa escrita. Contudo, destaca-se a vontade de participar do projeto e conceder suas falas, na intenção de “ser conhecidos”, de revelar a integração com a sociedade local, manifestando “assimilação”. Nenhum imigrante contatado se negou a participar, pelo contrário, fizeram questão de colaborar da melhor forma. Os depoimentos orais permitem compreender além das palavras, porque revelam as emoções, as percepções, os silêncios da experiência da imigração:

Mas o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. Se a aproximação para a busca é suficientemente ampla e articulada, uma seção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir. Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas conta-nos bastante sobre os seus custos psicológicos. (PORTELLI, 1997, p. 30)

Nas entrevistas, os imigrantes senegaleses revelam a importância de ter liberdade religiosa no Brasil. Mesmo evidenciando a falta de entendimento a respeito do Islã, pela sociedade local, consideram importante o fato dos brasileiros terem várias religiões e permitirem o culto a todas elas. Aqueles que passaram por outras experiências emigratórias antes de chegar a Caxias do Sul, consideram os brasileiros menos preconceituosos, sob o ponto de vista religioso, se comparados

a norte-americanos e latino-americanos, por exemplo.

Os depoentes manifestam a vontade de ser mais compreendidos enquanto muçulmanos. Binetou Gueye, de 31 anos, há três no Brasil, revelou que convidam os brasileiros para todas as festas religiosas do grupo. Segundo ela, “muitos participam. Não tem álcool, bebida e comida de graça. Uma vez no ano que sempre participam e perguntam”¹⁹. Para Binetou, o fato da inexistência de bebidas alcoólicas nas festas desmotiva a presença de não muçulmanos, contudo, ela se sente recompensada pelas perguntas que fazem sobre o Islã²⁰.

Foto: Binetou Gueye e seu comércio



Fonte: acervo das autoras

19 Entrevista realizada pelas autoras em abril de 2018.

20 Em função da falta de domínio da língua portuguesa, mesmo para imigrantes senegaleses que já se encontram há alguns anos no Brasil, os trechos das entrevistas apresenta uma linguagem “truncada”, não gramatical, em uma tentativa de manter fidelidade da fala dos mesmos.

A depoente ainda comentou que, pela falta de entendimento sobre o Islã, a creche deu carne de porco para seu filho de um ano e oito meses comer. Ela já havia dito que era muçulmana, mas “não entenderam”, daí depois do incidente com a criança ela pediu para não darem mais carne de porco ao menino. Ela acredita que o que importa para um muçulmano é seguir as leis religiosas e isto pode ser feito no Brasil. Todos os depoentes apreciam a culinária da Serra Gaúcha, mas lamentam não poder praticar a alimentação halal. Assim, seguem os preceitos alimentares do Islã, adaptando com os hábitos locais. Nenhum admite o consumo de carne de porco.

No que se refere à prática das orações, que deve ser realizada cinco vezes ao dia, os senegaleses percebem preconceito por parte da população local. Para Dame Ndiaxe, há três anos no Brasil, quando as orações ocorrem nos espaços públicos, acarreta mal estar nos brasileiros²¹. Ele sabe que as pessoas não gostam de ver essa prática na praça principal da cidade. Ndiaxe ressalta que para ser um bom muçulmano é necessário “de acordo com a Bíblia, a oração cinco vezes por dia, não fazer o mal e não roubar, ajudar, ter coração bom”.

Interessante o depoente se referir a “Bíblia” como livro sagrado para o Islã, até porque o mesmo tinha um Corão com ele. Certamente, acreditando que as entrevistadoras não entenderiam de outra forma, explicou na linguagem cristã. Para os imigrantes senegaleses, as tentativas de explicar o Islã para os brasileiros são recorrentes, isto não significa que tente converter seus interlocutores a fé muçulmana.

Outra questão recorrente é a definição da fé, no Islã, por meio de qualidades de seus fieis. Check Gueye²², há cinco anos no Brasil, explica o que é ser muçulmano no Brasil: “nós sempre fazemos a religião certo. Proibido deixar, não pode mentir, xingar, roubar, dinheiro sujo, tem que vir do nosso trabalho”²³. Ele também percebe preconceito quando pratica publicamente a religião.

Para Abdoulahat Mdiaye²⁴, o Billy como é chamado, há oito anos

21 Entrevista realizada pelas autoras em abril de 2018.

22 No momento da entrevista, Check Gueye estava acompanhado da esposa Kuadi Top, senegalesa, que também está no Brasil há cinco anos. Ela não conseguiu dar seu depoimento por estar grávida e se sentir tonta no momento da entrevista. É o segundo filho brasileiro do casal, tendo o mais velho a idade de dois anos.

23 Entrevista realizada pelas autoras em abril de 2018.

24 Billy é uma referência entre os imigrantes senegaleses. Em seus oito anos no Brasil, constituiu um negócio próprio, sendo, hoje, um empresário do comércio caxiense. Também presta solidariedade e auxílio aos recém-chegados do Senegal e contribui na organização de suas vidas na cidade de Caxias do Sul.

no Brasil, percebe um incômodo na comunidade local com as orações públicas e com as pausas para as mesmas. Menciona que, nos locais de trabalho, esta é uma situação difícil. Tanto que convida seus “irmãos” para realizar as preces dentro de sua loja, situada no centro de Caxias do Sul, próxima a praça central:

Olha, na verdade tipo assim, não é ..., eu acredito que não é uma coisa difícil, tipo assim, sabe porque aqui, é que mais importante é que nossa religião, tipo, tu tem liberdade de fazer nossas oração, encontra, e que aqui a gente notou que não tem aquela coisa que não pode fazer sabe. Quem quer fazer oração, quem quer fazer as coisas / dai tu pode fazer tipo assim, entende? Então é uma coisa assim com certeza que não é tão difícil, não é uma coisa que proibido de fazer ou alguma coisa assim, entende. Então a gente notou que é igual, tudo bem, porque lá no Senegal como é as igreja daqui, tipo lá é as igrejas muçulmanas como é a igreja aqui. A igreja aqui todas horas eles tão fazendo aquele barulho em Senegal. Todas horas eles tão fazendo aquele barulho de chamar, de fazer oração como que muçulmanos 5 vezes por dia tem que fazer oração. Então se tem, tem essas coisas, tipo assim sabe. Então a gente notou que também tem essas diferenças, tipo assim, não tem lugar para se encontrar muito. Aqui que tu tem que trabalhar porque durante o dia que tu tem que fazer oração, tipo assim, 5 vezes por dia. E aqui a gente notou também que a gente não consigo toda hora fazer a oração junto. Mas depois que chega em casa faz, mas é bem tranquilo²⁵.

Segundo Abdoulahat Mdiaye é necessário explicar para as pessoas que o Islã é uma religião de bondade; que os muçulmanos são generosos e toleram as outras religiões. Preocupa-se com as atitudes do grupo, orientado seus irmãos a se vestirem “com elegância” e terem boas atitudes para despertarem a acolhida local²⁶. Para ele, esta é a forma de vencer o preconceito:

É, na verdade eu digo na verdade que preconceito é alguma coisa ... \ é alguma coisa falta de conhecimento, tipo assim. Hoje em dia as pessoas vejam imagem de muçulmano como querem, tipo homem bomba que mata as pessoas, tipo assim os turistas e tal. Então a gente tem esses medo na verda-

25 Entrevista realizada pelas autoras em maio de 2018.

26 Entrevista realizada pela autora Cristine Fortes Lia, em novembro de 2015.

de, mas eu digo assim, religião muçulmana é bem tranquila, é bem de paz, sabe. Eu acredito que essas pessoas que tão lutando, essas pessoas que tão se matando, fazendo uma coisarada. Nada ver com muçulmano, eu acredito que eles tão fazendo por conta própria deles, tipo eles tão fazendo isso tipo fazendo briga entre petróleo, a terra, com os EUA a si, se vingando. Mas eu acredito que nada ver com muçulmano tipo assim, sabe, porque é bem tranquilo, e de paz, tipo assim sabe. Então se acredita que tem preconceito, tipo tem algum país como nós todos nossos nome vem de Senegal... muçulmano, então eu acredito que tem preconceito que todos têm, a meu nome, a qual é o teu nome? É Abdou, a muçulmano, e tal vocês que mata e tal. Ou pergunta, que religião vocês frequenta? Eu sou muçulmano, bah muçulmano aqueles homem de bomba né? Tipo assim entende. Então é uma coisa assim com certeza dá medo, as pessoas ficam com medo por causa desses coisa aí, por casa que as TV tão mostrando, as mídia e tal tal tal, sabe. Mas é um religião bem tranquila e de paz sabe²⁷.

As ideias de Abdoulahat sobre ser percebido como terrorista procedem no “imaginário” local. A permanente relação entre a visão de muçulmano como responsável pelo terror global atinge as áreas que recebem população migrante muçulmana. Teme-se a presença dos imigrantes pela possível iminência de um ato de “homem bomba”. A mídia associa as duas imagens, isto é, muçulmano como sinônimo de terrorista, tem responsabilidade pela má acolhida aos imigrantes. Alguns revelam que, ao usar trajés evidentemente religiosos, são vistos como “carregadores de bombas”; a túnica islâmica é vista como um esconderijo para os explosivos.

Os boatos sobre os riscos de acolher imigrantes senegaleses muçulmanos são recorrentes nas cidades brasileiras. Segundo Gonçalves e Koakoski (2015), em Caxias do Sul circularam, e ainda circulam, as crenças infundadas de que os senegaleses matam e comem cães, de que profissionais do sexo adoeceram depois de se relacionar com eles, de que são partes de células terroristas, comunistas e são trazidos para o Brasil por determinado partido político, para garantir votos.

Assim, desconstruir os boatos, por meio de uma imagem positiva dos muçulmanos, é tarefa dos imigrantes e forma de negociação de identidade. Aspecto necessário nesta “negociação” são as relações consolidadas com as comunidades religiosas já estabelecidas na re-

27 Entrevista realizada pelas autoras em maio de 2018.

gião. Os senegaleses revelam dificuldades de integração com a comunidade muçulmana, originária do Oriente Médio, estabelecida na cidade por volta dos anos 80. De acordo com Mohamed, há dois anos e meio no Brasil, são grupos diferentes que não se integram²⁸. Já para Dame Ndiaxe, não se acolhem aqui, nem no Senegal²⁹. Apesar disso, reforçam a ideia de que são todos irmãos, com a mesma fé e solidários entre si. Abdoulat Mdiaye afirma que:

Olha o povo, o Brasil é um país recente, pode dizer, agora tipo ele são recente, é uma coisa recente, não é uma coisa antiga, não é uma coisa há muito tempo. 2008 que começaram a chegar aqui os imigrantes sabe. Então ser tudo novo assim pra eles, tipo assim, e é muito muçulmano acredita que não é muito. E tipo muçulmano Senegalês e o os árabe ali ficam um pouco diferentes [...]. Eu me lembrei que eu fui dois vezes ali na Caravaggio, sabe caminhando a Caravaggio. E eu notei que tem alguns muçulmano aqui que são árabe e são contra. Diz que a gente não pode ir lá, faz muita aaa, a não podia ir lá vocês tão apoiando e tal, mas pra mim eu volto a fazer de novo, nada ver, que a gente acredita que existe um Alá, sabe. Existe um Deus não importa com o nome que a gente pode chamar, e eu acredito que a gente pode ser várias tipo ser varias nome diferente, tipo chamado diferente, o cor, religião, tudo isso, mas ter e um coração boa, não precisa ser muçulmano ou cristão, coisa assim³⁰.

O depoente chama a atenção para o desconforto da comunidade “árabe” com a participação dos senegaleses em celebrações católicas, o que, de fato, tenciona a relação das duas comunidades muçulmanas em Caxias do Sul. Além disso, os dois grupos professam um Islã de correntes diferentes. Por outro lado, Abdoulat Mdiaye reforça a boa relação com os católicos, pelos quais os senegaleses se sentem melhor acolhidos. As freiras que atuam junto ao CAM, em Caxias do Sul, são referências de bondade para o grupo e, conseqüentemente, responsáveis pela aproximação com o catolicismo. Esta aproximação, em princípio, não significa conversão, nem sincretismo.

Outra questão revelada pelos depoentes é a imagem, consolidada no exterior, de que o Brasil é um país de religiões africanas. No entanto, senegaleses muçulmanos não reconhecem as manifestações

28 Entrevista realizada pelas autoras em abril de 2018.

29 Entrevista realizada pelas autoras em abril de 2018.

30 Entrevista realizada pelas autoras em maio de 2018.

de matriz africana brasileira e não encontram lugar para suas práticas de fé. Como afirma Abdoulahat Mdiaye, provavelmente existam devoções, como ele viu em Caxias, na umbanda, mas ele nunca viu no Senegal. Inclusive, relatou que se assustou quando foi à umbanda pela primeira vez³¹.

Para todos os depoentes, o respeito religioso é o mais importante. Consideram que todos que têm “bom coração” são seus irmãos, mesmo que com crenças diferentes:

Então se eu pensei isso, tem algumas pessoas que não pensam isso. De a é muçulmano é melhor do que outros, mas que melhor o que, sabe? Então é uma coisa assim ó, tem todos esses coisa aí. Mas mesmo assim como eu te digo, eu gosto de religião que eu faz parte, eu acredito hoje que nada ia me fazer tirar de ser muçulmano. Mas mesmo assim eu respeito os outros religião sabe, e eu admiro muito muito mais do que aqui no Brasil sabe. Tem pessoa que faz parte no outro religião, mas bah eu gosto tipo assim de ajudar, de fazer tudo pra outro sabe tipo assim entende. Isso aí não é pouco coisa, tipo assim, não é todo mundo que consegue fazer, sabe.³²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do trecho de depoimento de “Billy”, citado acima, é possível perceber que os imigrantes senegaleses intencionam constituir uma imagem positiva do Islã que professam. Para eles, a imagem de não exclusão e aceitação de todos os de “bom coração” demonstra as possíveis formas de integração com a sociedade local. Da mesma forma, inserindo-se em um grupo majoritariamente católico, estes migrantes buscam solidificar sua relação com a religião “dominante”. Caracterizando sua prática muçulmana como plenamente capaz de conviver e até participar dos ritos católicos.

Como já foi dito anteriormente, Caxias do Sul se identifica com uma cultura de matriz europeia e católica. Pode-se afirmar que, ao longo da trajetória histórica brasileira, estes imigrantes foram ao mais bem recebidos. O ideal de catolicização e branqueamento, mesmo em um país de maioria afrodescendente, permaneceu culturalmente no Brasil. Martin Dreher (2001) destaca o quanto as elites sempre privilegiaram imigrantes brancos. O medo da expansão da cultura e da etnicidade africana sempre povoou as ambições de processos migratórios.

31 Entrevista realizada pela autora Cristine Fortes Lia, em novembro de 2015.

32 Entrevista de Abdoulahat Mdiaye, realizada pelas autoras em maio de 2018.

Assim, em uma localidade que busca consolidar a italianidade, os imigrantes senegaleses evidenciam o contrário da identidade almejada: são africanos, negros e muçulmanos. Os espaços da cidade são constituídos como lugares da memória dos imigrantes italianos, promovendo características específicas do grupo que impõem suas marcas na comunidade. A presença de um novo grupo migrante acarreta na ressignificação destes espaços. No entanto, esta ressignificação precisa ser narrada por meio de seus agentes. Os imigrantes africanos precisam conduzir a narrativa de sua trajetória em Caxias do Sul.

Somente pela “voz” desses sujeitos históricos é possível identificar as estratégias de negociação de identidade cultural, com suas expectativas e frustrações ao longo deste processo. O protagonismo da religião nestas negociações também precisa ser evidenciado nos depoimentos dos mesmos. Os muçulmanos tem sua perspectiva histórica orientada pela história do Islã, de forma que, para estudar a chegada e permanência dos imigrantes do Senegal é fundamental observar as suas práticas religiosas.

Assim, a História da imigração senegalesa merece especial atenção à metodologia empregada, com a utilização de fontes sensíveis, pois trata-se de um grupo da África Central, cuja a experiência social contemporânea não pode ser contemplada pela ciência histórica ocidental hegemônica. As formas tradicionais de produzir o conhecimento histórico acabam por marginalizar comunidades que não se inserem no pensamento ocidental dominante.

O conhecimento histórico, para o grupo senegalês muçulmano, precisa ser produzido na observação da relação da sua identidade religiosa com o grupo que o recebe. A História Oral permite que os saberes tradicionais que orientam a trajetória do grupo sejam preservados por meio de seus depoimentos. Possibilitando ao historiador identificar metodologicamente uma nova forma de analisar um processo migratório, descolonizando concepções preestabelecidas de estudos sobre as imigrações no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de, RENAUX, Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: NOVAIS, Fernando A. (Org.). *História da vida privada no Brasil*: Império. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CHALLITA, Mansour. *O que você deve saber para aproveitar plenamente a leitura do Alcorão*: O Alcorão. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, [s.d.].
- COSTA, Jéssica Pereira da. *O estudo da História do Islã e dos muçulmanos*

na educação básica: conceitos e representações. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016.

- COSTA, Jéssica Pereira da; LIA, Cristine Fortes. Senegaleses e Caravaggio: a relação entre muçulmanos e católicos na serra gaúcha através da ótica do jornal Pioneiro. In: ARENT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antonio; SANTOS, Rodrigo Luis. (Orgs.) *Migrações: religiões e espiritualidades*. São Leopoldo: Oikos, 2016.
- COSTA, Sandra Liliana. *As correntes de pensamento no interior do Islamismo*. O pensamento Islâmico Radical e as redes terroristas na Europa. [S.l]: Working Papers, 2010.
- DEMANT, Peter. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.
- DIAS, Eduardo Costa. Senegal: confrarias, contrato social e modernidade. In: _____. *Religiões e política mundial*. *Janus on line*, Portugal, 2007. Disponível em: <http://janusonline.pt/2007/2007_4_2_3.html>.
- DREHER, Martin Norberto. Identidades e relações interétnicas: pobres, mendigos e vagabundos. In: HERÉDIA, Vânia B. M.; RADÜNZ, Roberto (Orgs.). *História e imigração*. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.
- FRONZA, Raquel. *Senegaleses que chegaram em Caxias nesta terça caminham até Caravaggio*. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2015/05/senegaleses-que-chegaram-em-caxias-nesta-terca-caminham-ate-caravaggio-4768624.html>> Acesso em: 11 set. 2016.
- GONÇALVES, Maria do Carmo dos Santos; KOAKOSKI, Yan Cássio. “Sa-laam Aleikum”: o aspecto religioso na dinâmica dos senegaleses para Caxias do Sul. In: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; PANDOLFI, Bruna (Orgs.). *Migrações internacionais*. Caxias do Sul: Belas Letras, 2015.
- HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; PANDOLFI, Bruna. Migrações internacionais: o caso dos senegaleses em Caxias do Sul. In: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; PANDOLFI, Bruna (Orgs.). *Migrações internacionais*. Caxias do Sul: Belas Letras, 2015.
- HEREDIA, Vania Beatriz Merlotti; PANDOLFI, Bruna. *Resistências culturais na inserção comunitária de migrantes senegaleses em Caxias do Sul*. In: SEMINTUR, – 1º HOSPITALIDADE EM COLÓQUIO: PESQUISA E ENSINO. 8., Caxias do Sul. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul (UCS), 2016.
- HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- JORNAL PIONEIRO, AGÊNCIA RBS, Com comida e orações, senegaleses

- celebram festa religiosa em Caxias do Sul. Disponível em: < <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2016/11/com-comida-e-oracoes-senegaleses-celebram-festa-religiosa-em-caxias-8390319.html> > Acesso em: dez. 2016.
- LEITE, Carlos Henrique Ferreira; ARIAS NETO, José Miguel. *O uso dos jornais para o conhecimento histórico: Teoria e Metodologia*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 2., 2015. Rio de Janeiro: UNICENTRO, 2015.
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.
- LIA, Cristine Fortes. Identidades judaicas: as comunidades de conversão na Serra Gaúcha. *Revista Interações*, Belo Horizonte, v. 12, n. 22, 2017.
- MACEDO, José Rivair. *História da África*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MEREDITH, Martin. *O Destino da África: cinco mil anos de riquezas, ganância e desafios*. Rio de Janeiro Zahar, 2017.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, 1997.
- RANGEL, Larissa. Onde está a África no Brasil? Um retrato da recente imigração senegalesa sob o olhar da mídia brasileira. In: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; PANDOLFI, Bruna (Orgs.). *Migrações internacionais*. Caxias do Sul: Belas Letras, 2015.
- REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos Malés em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ROLLSING, Carlos; TREZZI, Humberto. Novos imigrantes mudam o cenário no Rio Grande do Sul. Disponível em: < <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/08/Novos-imigrantes-mudam-o-cenario-do-Rio-Grande-do-Sul-4576728.html> > Acesso em: ago. 2016.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SOUZA, Felipe Freitas de. Apontamentos sobre o Islã no Brasil: Islamofobia e notas sobre o xiismo brasileiro. *Revista Diversidade Religiosa*, João Pessoa, v. 6, n. 2, p. 152-178, 2016.
- TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- WEBER, Regina. Estudos étnicos no Rio Grande do Sul: análise historiográfica. In: HERÉDIA, Vânia B. M., RADÜNZ, Roberto (Orgs.). *História e imigração*. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.